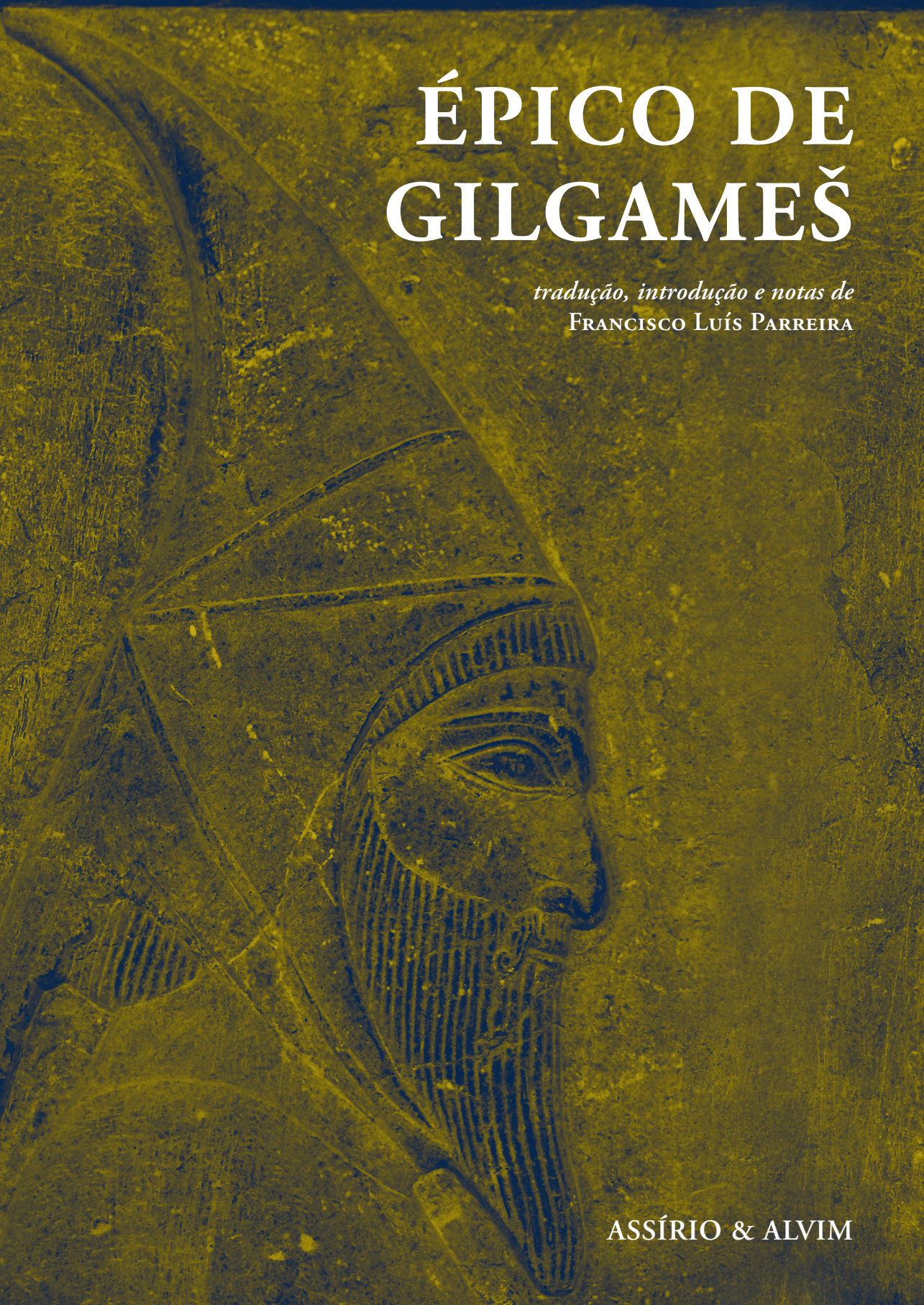

ÉPICO DE GILGAMEŠ

tradução, introdução e notas de
Francisco Luís Parreira

ASSÍRIO & ALVIM

ÉPICO DE GILGAMEŠ

versão Babilónia Padrão

tradução, introdução e notas
Francisco Luís Parreira

ASSÍRIO & ALVIM

TÁBUAS I A XII

TÁBUA I

šá naqba imuru: aquele que testemunhou o abismo

Colofone: [dub1.kam *šá naq-ba i-mu-ru i*]*š-di ma-a-ti*
[KUR ^{m}an.šár-dù-a *šar*$_4$ šú *šar*$_4$ an.šar^{ki} *šá ana* an.šár *u*] $^{(d)}$*nin-lil tak-lu*
[nir.gál.zu nu téš *šàr* dingir^{meš}] an.šár

[Tábua 1. *Aquele que testemunhou o Abismo, as*] fundações da terra
[Palácio de Aššurbanipal, rei do mundo, rei da Assíria, que] se confia a Aššur e Ninlil
[Possa aquele que a ti se confia não cair no opróbrio], ó Aššur, [rei dos deuses]

Aquele que testemunhou o abismo, as fundações da terra,
  experiente de caminhos, em tudo era sábio!
Gilgameš, que testemunhou o abismo, as fundações da terra,
  experiente de caminhos, em tudo era sábio!
Aonde estavam os poderes, foi averiguá-los,[1]
  de cada coisa extraiu um ápice de sabedoria.
O que era secreto encarou, o oculto trouxe à luz:
  resgatou a memória de antes do Dilúvio.
Extenuado, mas em paz, fez o caminho que não tem fim
  e na pedra exarou os seus trabalhos.
Ergueu a muralha de Uruk, a do redil,
  e a do sagrado Eanna, puro tesouro.[2]
Sobe a esta muralha: é como lã entrançada;[3]
  adverte o parapeito, ninguém poderá imitá-lo;
percorre a escadaria, que é de eras remotas,
  e aproxima-te do Eanna, casa de Ištar:
rei ou homem algum poderão jamais imitá-la.
  Sobe à muralha de Uruk e vai em torno,
considera a inscrição,[4] examina a alvenaria:
  não foram os tijolos cozidos nas labaredas do forno,
  as fundações, não as lançaram os Sete Sábios?
[Um *sar*,[5]] cidade, [um *sar*,] palmeirais, [um *sar*,] poços de argila,
meio *sar,* o templo de Ištar: [três *sar*] e meio, [eis] Uruk na sua extensão.

[Eis] o cofre de cedro que alberga as tábuas:
  faz deslizar o seu fecho de bronze!
Ergue a tampa que as encerra,
  retira a tábua de lápis-lazúli e recita
as provações, tudo por que passou Gilgameš.
  Supremo entre os reis, soberbo de estatura,[6]
bravo nativo de Uruk, touro branco enristado!
  Marchando na dianteira, era ele o chefe,
ou, seguindo na retaguarda, arrimo dos camaradas!
Baluarte poderoso, protecção das suas tropas,
  violento caudal que desbarata a muralha de pedra.
Touro selvagem de Lugalbanda, Gilgameš, fero esplendor,
  aleitado pela vaca venerada, Ninsunanna, a Vaca Bravia!
Gilgameš, o possante, magnífico, sumptuoso,
  que nas montanhas abriu passagens
e escavou poços nos flancos das colinas,
  que o oceano sulcou, o vasto mar, até à aurora,
e as partes do mundo esgotou em busca da vida;
  que, porfiando, alcançou Uta-napišti, o Longínquo,
o qual restaurou os altares derrubados pelo Dilúvio
  e instituiu os ritos conformes ao povo inúmero.[7]
Quem de entre reis se lhe compara em esplendor
  e poderá dizer, como ele o fez: «Sou eu o rei»?[8]
Gilgameš, cujo nome foi pronunciado no dia em que nasceu,[9]
  dois terços deus e um terço homem:
Belet-ili esboçou a forma do seu corpo,
  Nudimmud trouxe essa forma à perfeição.
Pujante de vigor e majestade radiosa,
  a onze cúbitos lhe orçava a formosa estatura,
a quatro cúbitos o peito em largura,
  a seis, o arco dos amplos ombros.
Dos dedos na mão, media o primeiro metade de um cúbito,
  três cúbitos o pé, e uma vara a perna;[10]
seis cúbitos abarcava a sua passada,
  [.....] cúbitos a [.....] da cara.

Esplendiam os seus dentes como o sol ao despontar,
  a barba luzia-lhe no rosto como o lápis-lazúli;[11]
  rijos como [a cevada] eram os anéis do cabelo.
Ao fazer-se adulto, a sua harmonia consumou-se,
  fez-se, pelos padrões da Terra, muito belo.
Em Uruk, a do redil, ele vai e vem,
  dominante como um touro bravo, cabeça erguida;
quando as armas são brandidas, não tem rival,
  o desafio do seu punho paralisa os companheiros.
Aos jovens de Uruk atormenta injustamente:
  Gilgameš não deixa que o filho se reúna livremente ao pai.
Dia e noite se acrescenta a arrogância
  de Gilgameš — [e comanda ele a gente apinhada,]
e é ele o pastor de Uruk amuralhada!
  Não consente, porém, que a filha se reúna livremente à mãe:
é dela o cobridor, e ela dele a mansa rês.
  A Ištar chegava a queixa incessante:[12]
«[Embora] proeminente, subtil, formidável [.....]
  não permite Gilgameš que a jovem se una ao prometido.»
Da filha do guerreiro, da prometida do mancebo,
  continuamente escutava a deusa o lamento.
Os deuses do céu, senhores da *iniciativa,*
  [a Anu *foram dizer* .....]:
«Em Uruk, a do redil, criaste um touro feroz e bravio
  que é sem igual quando as armas são brandidas.
Ao som do tambor faz acorrer os companheiros,
  continuamente atormenta os jovens de Uruk:
não permite Gilgameš que o filho se reúna livremente ao pai,
  dia e noite se acrescentam os rigores da sua tirania.
Porém, do redil de Uruk é ele o pastor —
  é Gilgameš quem comanda a gente numerosa.
Embora seja dela o pastor e *protector* [.....],
  e único, formidável, subtil e *soberbo*,
interpõe-se Gilgameš entre a jovem e o seu prometido.»
À esposa do guerreiro, à noiva do mancebo,

atendeu Anu, escutando as queixas:
«Invocai Aruru, a soberba:
ela a fez, à humanidade abundante;
[faça agora o par de Gilgameš], pujante como ele:
que na peleja de ambos possa Uruk serenar.»
Aruru, a soberba, foi então invocada:
«Tu, ó Aruru, que fizeste [o homem],
dá forma agora à ideia de Anu!
Possa ele medir-se ao de coração tempestuoso,
e na peleja de ambos venha Uruk a serenar.»
Quando a deusa Aruru ouviu estas palavras,
moldou no seu coração a ideia de Anu.
Lavou as mãos a deusa Aruru, tomou depois
uma parte de argila e lançou-a às desolações.
Assim nas estepes criou o audaz Enkidu,
o rebento do silêncio, por Ninurta urdido.[13]
O corpo tapizado de pelagem,
a cabeleira fluente como a de uma mulher,
os anéis do cabelo rijos como a cevada —[14]
não conhece estirpes, não sabe de países;
hirsuto como o deus dos animais,[15]
alimenta-se no pasto entre as gazelas;
junto à nascente, no estrupido da manada,
ou na água, entre o tropel, exulta.
Um caçador, um pisteiro,
junto à nascente encarou com ele.
Um dia, e o segundo, e o terceiro, junto à aguada encarou com ele.
Encarou-o o caçador, o rosto petrificado,
a Enkidu com a manada, e tornou a casa.
Perturbou-se o caçador, andou mudo, andou transido,
o ânimo [turvo], o rosto tribulado:
um dissabor invadira-lhe o coração
e o seu rosto era como [o de quem
vem] de fazer o caminho sem fim.

O caçador abriu a boca para falar, dizendo a seu [pai]:[16]
  «Pai, [há] uma criatura que vem rondar a nascente.
O vigor que ostenta é sem par nestas terras,
  a sua força é como [a da rocha] que cai do céu.[17]
[Vagueia] pelas colinas todo o dia,
  [sempre] com a manada, no pasto se apascenta.
[Sempre] à beira da nascente as suas pegadas se renovam.
  [Mete medo — por isso] não me aproximo.
[Atulhou] as luras que escavei,
  desgarrou as armadilhas que armei,
esquivou do meu poder a manada, os animais da estepe,
  o trabalho da estepe não deixa que o cumpra.

[O pai abriu a boca para falar,] dizendo ao caçador:
  «[Meu filho,] *procura* Gilgameš *na cidade de* Uruk,
faz-te levar à sua presença,
  a sua força é como [a da rocha que cai do céu.]
[Toma a estrada,] volta o rosto [para Uruk,]
  descreve-lhe a força *desse* homem!
[Vai,] traz [contigo Šamhat, a rameira]
  cujos sortilégios vencem o mais poderoso!
[Quando a manada acudir,] junto [à] nascente,
  [rasgue ela as vestes, faça saber] os seus encantos.
[De puro observar,] ele a procurará;
  enjeitá-lo-á a manada, [embora lhe haja sido regaço].»
Seguindo o conselho do seu pai [.....,]
  saiu o caçador, *deu pressa à jornada.*
Tomou a estrada, [voltou o rosto] para Uruk,
  perante o Rei Gilgameš *disse estas palavras*:
«Há uma criatura que [vem rondar a nascente.]
  O vigor que ostenta é sem par nestas terras,
a sua força é como [a da rocha] que cai do céu.
  Pelas colinas deambula [todo o dia].
Sempre com a manada, [sustenta-se de forragem].
  [Sempre] à beira da nascente [se renovam] as suas pegadas.

Mete medo — por isso não me aproximo.
  Atulhou as luras que escavei,
desgarrou as armadilhas [que armei,]
  esquivou do meu poder a manada, os animais [da] estepe,
  o trabalho da estepe não deixa que o cumpra.»
E disse Gilgameš, a ele, ao caçador:[18]
  «Vai, ó caçador, e leva Šamhat, a rameira.
Quando à nascente acuda a manada,
  rasgue ela as vestes, exiba os seus encantos.
De puro observar, ele procurá-la-á;
  enjeitá-lo-á a manada, embora haja nela medrado.»
Largaram o caçador e Šamhat, a rameira,
  puseram-se a caminho, deram pressa à jornada.
Ao terceiro dia, no local aprazado,
  caçador e rameira sentaram-se à espera.
Um dia, e outro dia, junto à nascente se sentaram,
  e por fim à nascente veio beber a manada.
Vieram os animais saciar-se na água
  e, entre eles, Enkidu, nascido nas desolações,
alimentado no pasto, em meio às gazelas,
  tropeando junto à nascente com a manada
ou, na água, entre o estrupido, exultando.
  Viu-o então Šamhat, ao filho da natureza,[19]
a celerada criatura das profundas da estepe.
  «Ei-lo ali, Šamhat! Revela os seios,
desnuda o sexo, para que ele saiba os teus encantos!
  Não te mostres esquiva, aspira o seu odor!
De puro observar-te, ele te procurará.
Aparta as tuas vestes para que se deite sobre ti,
  devota ao selvagem os tratos da mulher.
Há-de o seu ardor abraçar-te e possuir-te,
  repulsará a manada, embora haja nela medrado.»
Desenlaçou Šamhat as vestes das ancas,
  desnudou o sexo, fez saber os seus encantos.
Não se mostrou esquiva, aspirou o seu odor,

apartou as vestes e sobre si o recebeu;
devotou ao selvagem os tratos da mulher:
neles consumiu a criatura o seu abraço e ardor.
Seis dias e sete noites,[20] ardido, levou
Enkidu a copular com Šamhat.
Dos sortilégios dela por fim saciado,
quis então reunir-se à manada.
As gazelas fitaram-no, fitaram Enkidu, começaram a correr,
e dele recuaram as bestas do ermo.
Perdia-se de Enkidu o seu corpo tão puro,
as pernas tolhidas, e a manada que dispersava!

Prostrado, não podia Enkidu correr como antes,
mas agora tinha em si o espírito, era largo de discernimento.
Tornou atrás, sentou-se aos pés da rameira,
observou a rameira, examinou-lhe as feições,
e às palavras da rameira prestou atenção,
[pois Šamhat] lhe disse, a ele, Enkidu:
«És belo, Enkidu, semelhante a um deus!
Por que razão, entre animais, fatigas as desolações?
Vem, conduzir-te-ei a Uruk, a do redil,
à sagrada Eanna, casa de Anu e de Ištar,
onde Gilgameš, acabado em vigor,
como um touro selvagem reina sobre as gentes.»
Assim falou ela, e a sua palavra foi obsequiada:
o coração dele anelou um amigo.
Disse Enkidu, a ela, à rameira:
«Irei, Šamhat, leva-me contigo
à sagrada Eanna, casa de Anu e de Ištar,
onde Gilgameš, acabado em vigor,
como um touro selvagem reina sobre as gentes!
Desafiá-lo-ei, eu mesmo, ousadamente,
e em Uruk prezar-me-ei: "sou eu o mais poderoso!"
Cabe às minhas mãos o urdir das coisas,
mais forte é quem nasceu nos ermos.»
«Possam [*as gentes*] conhecer-te o rosto,

[..... que] existe, bem o sei.
Vem, Enkidu, a Uruk, a do redil,
onde os jovens se adornam com cinturões,
e todos os dias [.....] são dias festivos
e os tambores são percutidos sem cessar;
onde há cortesãs de graciosa figura,
férteis de graças, plenas de alegria:
até os grandes atraem aos seus leitos!
A ti, Enkidu, [ainda tão] imaturo de vida,
darei a conhecer Gilgameš, o feliz e consumado:
fita-o bem, observa-lhe as feições!
Viril na lealdade, digno no porte,
em tudo o que é, cumulado de dons.
A ousadia dele é superior à tua,
noite e dia, não conhece repouso.
Oh, Enkidu, afasta os pensamentos sobranceiros:
Gilgameš é o amado do divino Šamaš.
Anu, Enlil e Ea dilataram-no em sabedoria.
Antes ainda de nasceres das desolações,
Gilgameš em Uruk antevia-te em sonhos.
Para contar um sonho, acorreu Gilgameš a sua mãe:
"Ó mãe, vi um sonho nesta minha noite:[21]
as estrelas do céu sobrepujavam a minha cabeça,
como rocha do céu, uma caiu na minha direcção.
Quis erguê-la, era muito pesada,
quis movê-la, nem sequer oscilou.
A terra de Uruk, ali de pé, à sua volta,
estava a terra reunida em seu redor.
A multidão apinhou-se junto dela,
os guerreiros aglomerados em redor.
Como a um bebé de colo, beijavam-lhe os pés,
mas, tal a uma esposa, amei-a eu, acariciei, abracei.
Ergui-a então para depô-la a teus pés
e tu — tu fizeste dela o meu par."
A mãe de Gilgameš era sábia, era subtil,

em tudo versada, disse ao seu filho —
era sábia Ninsun, a Vaca Bravia, e subtil,
em tudo versada, disse ao seu filho:
"As estrelas do céu sobrepujavam a tua cabeça,
como rocha do céu, uma caiu na tua direcção.
Quiseste levantá-la, era muito pesada,
quiseste movê-la, nem sequer oscilou.
Ergueste-a então para depô-la a meus pés
e eu, Ninsun, fiz dela o teu par.
Tal a uma esposa, amaste-a, acariciaste, abraçaste:
um amigo possante virá até ti, para ser amparo do amigo;
poderoso entre os demais, pleno de vigor,
a sua força é como a rocha que cai do céu.
Tal a uma esposa, hás-de amá-lo, acariciá-lo, abraçá-lo,
e o seu poder, muitas vezes, ser-te-á salvação.
Favorável e precioso é, pois, o teu sonho!"
E viu ele um segundo sonho
e acudiu à deusa, sua mãe;
e disse Gilgameš, a ela, sua mãe:
"Segunda vez, ó mãe, se deu a ver um sonho.
No adro da câmara nupcial,[22]
jazia um machado, e as gentes em torno.
Estava a terra de Uruk ali apinhada
[o país] reunido em redor,
a multidão que em torno se atropelava,
ajuntados em redor todos os varões.
Fui eu erguer o machado para depô-lo a teus pés,
como a uma mulher [o amei,] acariciei, abracei,
[e tu, mãe,] fizeste dele o meu par."
A mãe de Gilgameš era sábia, era subtil,
em tudo versada, disse a seu filho —
Ninsun, a Vaca Bravia, era sábia e subtil,
em tudo versada, disse a seu filho:
"Meu filho, o machado que viste é um homem,
como a uma esposa, hás-de amá-lo, acariciá-lo, abraçá-lo,

e eu, Ninsun, farei dele o teu par.
Um amigo virá até ti, que amparo será do amigo;
  poderoso entre os demais, pleno de vigor,
é a sua força como a rocha que cai do céu."
  E disse-lhe Gilgameš, a ela, sua mãe:
"Ó mãe, possa a providência de Enlil
  trazer um conselheiro ao meu caminho!
Um guia terei, um amigo que me aconselhe,
  um amigo, um mentor obterei !"»
Assim deu a ver Šamhat a Enkidu
  os sonhos dele, os sonhos de Gilgameš.[23]
  Começaram depois a copular.

1 Só com a edição de *Ugar* 1, em 2007, foram finalmente suplementadas as lacunas nas linhas iniciais do poema ainda presentes na edição crítica, respectivamente o primeiro hemistíquio das linhas 2 e 4 e toda a linha 5. A Tábua I beneficia de suplementação adicional de *Ugar* 1, assinalada *ad loc*.

2 i.e., ergueu duas muralhas, e não a muralha única de Uruk *e* Eanna lida por George (2003: 539). Não se vê, com efeito, de que modo poderia o leitor, segundo lhe é proposto, aproximar-se do Eanna, templo no centro da cidade, subindo à muralha exterior: o testemunho arqueológico e os planos publicados da cidade de Uruk parecem amplamente dissuasores desta hipótese. Nesta opção, seguimos *inter allia* Maul (2005); v. também Nurullin (2012: 189-193).

3 Interpretação de George contestada *inter allia* por Nurullin (2012: 194-5), que reitera a leitura tradicional: «… que é como o bronze resplandecente».

4 O leitor é convidado a considerar o ***temmennu***, a «pedra fundamental» ou «primeira» da edificação. Por outras palavras, se o leitor procurar a inscrição na base da muralha, ficará a saber que as fundações foram lançadas pelos Sete Sábios (cf. Wiseman: 157).

5 *Sar*: medida equivalente a pouco menos de quatro quilómetros.

6 O *incipit* por que era conhecida a versão AB representada por *Penn* e *Yale*: ***šūtur eli šarrī…*** O compilador, por conseguinte, terminou aqui o mais meditativo prólogo da sua autoria e passa a incorporar o material tradicional, ele próprio dotado do segundo e mais heróico prólogo que aqui se inicia.

7 i.e, a humanidade.

8 A série epitética que aqui termina tem correspondência no discurso das inscrições reais babilónicas e assírias que, pela atribuição de altos feitos aos monarcas, costuma alinhar de bom grado pelo viso do mito. Como exemplo, eis o *incipit* dos anais de Sargão II da Assíria (721-705), inscrito na sala II. ii do palácio de Khorsabad antiga Dur-šarrukin (cf. Fuchs: 1994):

«(4) Rei que, desde o seu primeiro dia *soberano*, não achou príncipe capaz de com ele ombrear, nem em batalha nem em combate, e que destroçou como se fossem ânforas os inimigos de todas as partes.

(5) Ele pôs a corda no nariz dos rebeldes dos quatro rios. Nas montanhas distantes, de difícil travessia, abriu passagens inúmeras e vislumbrou as regiões distantes.

(6) Caminhos apertados, impraticáveis, cuja situação era calamitosa, atravessou uma e outra vez, e uma e outra vez cruzou ele as águas dos canais.»

9 «Gilgameš was his name from the day he was born» (George 2003: 541); «'Gilgamesch' ist er seit dem Tage, da er geboren, mit Namen genannt» (Maul: 47); «Gilg]amesh was summoned by name from the very day of his birth» (Tigay: 142); «Gilgamesh, dont le nom fut prononcé dès le jour de sa naissance» (Tournay, Shaffer: 44-5, com nota explicativa: «Son nom fut prononcé par les dieux qui fixèrent ainsi sa destine. Le theme est bien attesté pour les rois mésopotamiens»). O acto de nomear parece caber nas prerrogativas dos deuses e decerto significará para o nomeado uma conformação de destino ou, senão, uma fixação de qualidades distintivas. Para a discussão do significado do nome, cf., sobretudo, George 2003: 84 ss.; Nurullin: 2012a.

10 A «vara» ou «cana» (em acádio assírio, ***qana***) equivale a cerca de seis metros.

11 As dez linhas precedentes reproduzem a reconstrução de Maul (2005: 59) da passagem fragmentária 53-55 e lacuna 56-59 da edição crítica, fundada num manuscrito não editado de Aššur e confirmada, entretanto, pelas variantes de *Ugar* 1. Compare-se *infra* a descrição de Enkidu.

12 As duas últimas linhas suplementadas por *Ugar* 1, 13-4.

13 Sobre o local de nascimento de Enkidu, v. nota suplementar 1.

14 Lit: «rijos como Nisabal» (deus das colheitas).

15 Lit.: «hirsuto como Sakkan» (deus dos animais).

16 A primeira das duas fórmulas literárias utilizadas no épico para introdução do discurso directo: [A] ***pâšu ipûšamma iqabbi izzakkara ana*** [B].

17 ***kima kisrù***: «massa / volume dos céus». Em *Penn*, na passagem paralela: ***kisru šá Anim***, «massa / volume de Anu». A expressão parece designar o meteorito, que cai do reino de Anu. A relação estabelecida não será arbitrária: Aruru, ao modelar e precipitar nas vastidões a bola de argila de que se origina Enkidu, terá tido em mente a forma do meteorito de Anu; Enkidu, por seu lado, conserva a força original

dessa criação. A expressão parece, por outro lado, anexar-se à especulação etimológica cara aos escribas babilónicos; com efeito, ***kisru*** ecoa o ***zikru***, o «par» de Gilgameš que Aruru deve criar. A metáfora, que o redactor aplica indiscriminadamente a Enkidu e a Gilgameš, é materializada no primeiro sonho de Gilgameš, *infra*. V. nota suplementar 2.

18 A segunda fórmula utilizada no épico para introdução do discurso directo: [A] ***ana šâšuma izzakkara ana*** [B].

19 «Filho da natureza»: ***lûllu amelu*** (a que o escriba agrega o sumerograma **LÚ**), lit. «homem primordial». A criação de Enkidu está modelada nas tradições sumero-babilónicas relativas à criação e natureza da humanidade primordial. Como qualificativo de «homem» (***amelu***), ***lûllu*** «aparece no acádio quase exclusivamente para referir o homem no contexto da sua criação original. E, com efeito, a literatura mesopotâmica descreve a vida do homem primordial como semelhante à dos animais» (Tigay: 202). A mais antiga ilustração daquelas tradições é um texto sumério conhecido como *Apólogo do Gado e do Grão*, em que a descrição de Enkidu parece modelar-se (cf. Alster, Vanstiphout: 26 ss): «Os homens daquele tempo [i.e., o tempo primordial] / nada sabiam de comer pão / nada sabiam de vestimentas / andavam sem rumo, cobertos de peles, / comiam erva com a boca, como as ovelhas, / bebiam água dos charcos». («Os homens daquele tempo» rende aqui o mesmo sumerograma **LÚ** sufixado, com valor explicativo, ao acádio ***lûllu amelu***).

20 Padrão estilístico que se repetirá em três outras ocasiões: no tempo de retenção do cadáver de Enkidu, na duração do Dilúvio e no desafio do sono lançado por Uta-napišti. A sequência numérica x / x+1 constitui um padrão bem identificado na literatura do Próximo Oriente (cf. West: 259-61); de que a relação seis / sete é, na literatura babilónica, a instância rotineira. Os manuscritos AB ignoram ou omitem ainda este dispositivo (cf. *infra* Tábua II, suplemento Penn, 46).

21 ***ina šât mušitia***: «nesta minha noite» ou «no decurso desta minha noite», idioma que também ocorre em *Penn* e *Yale*.

22 Seguimos aqui a lição de Tigay: 86.

23 Sobre os sonhos que antecipam o advento de Enkidu, v. nota suplementar 2.